

Notas da Introdução de Julián Carrón
nos Exercícios Espirituais da Fraternidade São José por videoconferência
Sexta à noite, 7 de agosto de 2020

Na entrada: *Franz Schubert, Trio com piano n.º 2 op. 100 - CD Spirto Gentil 14**

Vamos começar nosso gesto pedindo ao Espírito que abra todo o nosso humano, todo o nosso coração, a nossa razão, o nosso afeto, para que possamos identificar, com essa abertura, a modalidade através da qual Ele se torna presente entre nós, no fundo do nosso ser, para que possa realmente nos arrancar do nada que tantas vezes penetra nossas vidas.

Ó Vinde, Espírito Criador

- *Far finta di essere sani*
- *Luntane, cchiù luntane*

“Que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida?”¹

É difícil encontrar uma frase mais concisa para expressar o olhar de Cristo sobre o homem, sobre a nossa grandeza de homens. Essa pergunta é um convite a perceber que se ganharmos o mundo inteiro, mas nos perdermos, não teremos feito um bom negócio com nossas vidas.

Desde o início, com essa frase, Ele colocou em nossas mãos – tendo feito vibrar em nós e fazendo vibrar ainda hoje – o critério de juízo para comparar qualquer coisa que entre no nosso horizonte. Desse modo, Jesus nos mostra como Deus nos lançou na batalha da realidade, na comparação universal com tudo, tendo dentro um *detector*, a nossa humanidade, que é tão grande que nos faz tremer só de pensar nisso. Podemos não sentir a pergunta de Jesus dirigida a nós, mas – como canta Gaber – não podemos evitar comparar constantemente o que Ele é, o que cada um de nós é, com todas as imagens de realização e de resposta que temos. Um homem pode comprar uma motocicleta com “armação e guidão cromados, muitos pistões, botões e os acessórios mais bizarros”; uma mulher normal pode comprar “colares e cremes para as mãos”, e todos “fingirem ser sãos”; uma pessoa pode adiar o fim da vida entretendo-se com “um grupo de estudo, as massas, [...] os testes”² mais variados, fingindo ser são; também pode programar viagens para lugares distantes, mas não pode evitar fazer essa comparação, que é inevitável. Na verdade, pela maneira como *Luntane, cchiù luntane* nos faz vibrar, não podemos fingir que em nós não há a grandeza de que Jesus fala. Por isso, não houve alguém na história que tenha afirmado mais poderosamente a humanidade de cada um de nós do que Jesus.

O que é o homem? O que sou, eu que posso ganhar o mundo inteiro e arruinar a minha vida? Para perceber isso, cada um pode fazer a lista das coisas pelas quais tentou ganhar a si mesmo – como a lista que Gaber faz –. Muitas vezes, vivemos de uma imagem, sucumbimos a uma imagem ditada pela mentalidade comum, mas essa imagem não coincide com a realidade que somos. Descobrimos isso não quando as coisas não estão indo bem, mas – como eu sempre digo – quando as coisas saem como gostaríamos, quando conseguimos realizar a viagem ou os projetos que temos em mente.

* “Ouvir este extraordinário *Trio* de Schubert me revelou mais uma vez que o significado, o sentido de uma coisa tornou-se possível a partir de um olhar completo, um olhar que compreende a totalidade do objeto que uma pessoa tem à sua frente. [...] expressa o desejo de ir até o fundo das coisas e, ao mesmo tempo, a consciência da pobreza dos meios disponíveis: daí sua tristeza pungente” (L. Giussani, “La bellezza che non si può abbandonare”, em *Spirto Gentil. Un invito all'ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*, editado por S. Chierici e S. Giampaolo. Milão: Bur, 2011, pp. 203-204).

¹ Mt 16,26.

² «Far finta di esseri sani», letra e música de G. Gaber.

Recentemente, um amigo do Cazaquistão, num encontro por videoconferência, disse a toda a comunidade que sua tentativa tinha sido bem sucedida, mas que tinha experimentado – isso era evidente em seus olhos – que algo não estava bem. E, como ele, cada um de nós descobre isso vivendo. Não é preciso ir para longe, procurar lugares particulares. É vivendo a vida cotidiana, é no eu em ação que percebemos como esse nome – Jesus – é capaz de realizar nossa humanidade. Também vimos isso recentemente, quando nos encontramos no Retiro de Advento³. Fomos desafiados por uma provocação sem precedentes como o Coronavírus, e o *lockdown* que se seguiu, com todas as consequências que ainda estão acontecendo, porque como todos estamos vendo, ainda não acabou. É uma circunstância que não escolhemos e que todos compartilhamos, porque ninguém pôde escapar dela. Desde o início, enfrentamos esse imprevisto identificando-nos com o olhar de Giussani. A realidade se apresenta diante dos nossos olhos. Se olharmos para a “estrutura da reação” que cada um de nós tem diante da realidade, damos conta dos fatores que nos constituem. Por isso, a primeira coisa a que somos convidados é nos observar em ação. Se considerarmos a dinâmica humana que cada um de nós, no impacto com a realidade, viveu e vive, percebemos que é esse impacto que coloca em movimento o mecanismo revelador dos fatores que nos constituem. Mas muitas vezes não seguimos Giussani, porque achamos que já sabemos ou não percebemos a dimensão que tem e, assim, perdemos a grande oportunidade de ver emergir na vida cotidiana, diante dos nossos olhos, o que somos, quais são os fatores da nossa vida, do nosso ser, o que é esse homem que somos e que pode ganhar o mundo inteiro e arruinar a sua vida.

Portanto, pelo menos nestes dias, deixemo-nos ser levados pela mão por Giussani para observarmos o que acontece em nós e o que aconteceu neste período, prestando atenção ao impacto em nós dessa realidade que irrompeu tão poderosamente na vida. O que descobrimos? Isso é decisivo, pois, como diz Dom Giussani, “um indivíduo que tenha vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, teve pouco com que se esforçar para realizar, terá um escasso sentido da própria consciência, perceberá menos a energia e a vibração da sua razão”.⁴ Ou seja, não será capaz de ver vibrar seus fatores constitutivos.

A primeira coisa a notar é que a realidade nos provoca de uma forma irreduzível aos nossos pensamentos: é teimosa, é um dado que não podemos cancelar, que não podemos domar, que não podemos reduzir a uma medida nossa. Basta pensar em como, durante todos estes meses, todos tiveram mil pensamentos sobre esse vírus, com todas as suas consequências, e sobre como lidar com a situação: a realidade mostrou-se teimosa e forçou cada um de nós a comparar os pensamentos com ela, com uma realidade que não parava de nos surpreender por sua irreduzibilidade.

Vimos que a citação de Giussani apenas descreve como um observador realmente atento ao que está acontecendo é provocado a reconhecer o poder educativo da realidade. Se estamos dispostos a ir atrás dela, ou seja, a não ignorá-la, a nos deixarmos surpreender, mudar e corrigir, a ponto de – como Giussani sempre nos disse, citando Jean Guitton – “submeter a razão à experiência”⁵, submeter nossos pensamentos à experiência que fizemos. Quantas vezes sentimos, nos últimos meses, a verdade desta frase de Shakespeare que sempre repetimos: “Há muita coisa mais no céu e na terra, Horácio, do que sonha nossa pobre filosofia”.⁶

Isso, paradoxalmente, trouxe à nossa consciência a nossa humanidade, a nossa vulnerabilidade, o nosso limite e, ao mesmo tempo, nossa inquietação e nossas perguntas. Percebemos toda a vibração da nossa razão, que não se contenta com uma explicação qualquer e indaga, continua indagando enquanto não encontra uma resposta adequada. Quanto mais nos deixamos tocar, mais aparece diante dos nossos olhos, até ficarmos sem palavras, o “mistério eterno do nosso ser”, do qual

³ Cfr. Notas da Introdução e da homilia de Julián Carrón no Retiro de Advento da Fraternidade São José (Pacengo–VR, 29 de novembro de 2019), 05/12/2019, clonline.org

⁴ L. Giussani, *O senso religioso*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017, p. 155.

⁵ Cfr. J. Guitton, *Nova arte de pensar*. Edições Paulinas, 1964.

⁶ W. Shakespeare *Hamlet*, Ato I, Cena V.

Leopardi tinha uma consciência profunda e aguda. Quanto mais experimentamos o impacto com a realidade, tanto mais emerge qual é a nossa verdadeira natureza, com sua fragilidade e, ao mesmo tempo, com toda a sua grandeza. “Ó natureza humana, / Se em tudo és frágil, vil, / Se és pó e sombra, como no alto vagas?”⁷

Pergunto: que consciência ganhamos? Essa consciência era tão familiar a Giussani que ele repetia constantemente que somente em Leopardi tinha encontrado um companheiro no qual via vibrar a sua humanidade.

Repito: o que aprendemos com a realidade? O que aprendemos sobre nossa humanidade? Por que não vivemos essa relação dramática com a realidade? Não há experiência humana a não ser no embate com as circunstâncias que nos provocam, que nos despertam, que nos desafiam. A vida nunca é estática. Muitas vezes queremos fugir, mas não podemos evitar estar sempre no palco do mundo, da realidade. Nunca estamos fora do palco, estamos sempre em cena! Como eu já disse, o homem percebe os fatores que o constituem observando-se em ação, na dinâmica de sua humanidade, no seu relacionamento com a realidade. A realidade, qualquer realidade, independentemente de como ela se mostra, do rosto que assume, da impressão que provoca, é sempre boa porque traz à tona os fatores constitutivos do eu, mas apenas se estivermos minimamente dispostos a ir atrás do contragolpe que provoca em nós.

Quantas vezes aprendi na carne que a realidade era um bem para mim! Independentemente do rosto com que se apresentava, estava ali na minha frente, me provocava e me obrigava a enfrentá-la. Como é para todos, assim foi a minha vida, uma aventura cada vez mais fascinante, porque tudo se tornava companheiro. A realidade era amiga, qualquer realidade me era amiga. Todos os que intervinham no palco da realidade eram amigos porque, para além do fato de estarem certos ou errados, de serem bonitos ou feios, constantemente traziam à tona o meu eu, os fatores constitutivos do meu eu. Por essa razão, um desafio como o que vivemos, e estamos vivendo, nos despertou – paradoxalmente – do torpor em que muitas vezes vivemos.

Como disse um jornalista, vivemos muito tempo anestesiados, sendo parte de um sistema muitas vezes equivocado em seus fundamentos. Mas há momentos em que a realidade nos atinge com tanta força que é muito difícil suavizar o golpe, escapar ou ignorar sua provocação. O que aconteceu despertou, com o concurso da nossa liberdade, nossa atenção, colocando em movimento toda a nossa razão, fazendo vibrar as perguntas sobre o significado que expressam sua natureza, a urgência de significado que nos constitui; uma urgência que o impacto com a realidade crua e dura trouxe de volta à superfície de um modo imponente. Portanto, é crucial que nos observemos para ver qual foi a estrutura da nossa reação diante das circunstâncias dadas. Muitas vezes tentamos escapar, fugir da realidade com a distração, com o sonho, com as imagens que construímos. Ou nos defendemos dela e acabamos em uma bolha, porque nos parece estarmos mais protegidos dos contragolpes. Ou não vamos atrás da provocação, não deixamos que a razão emerga com toda a urgência de significado que a constitui. Então – diz Giussani, com uma frase muito forte – , é como se houvesse “um assassinio do humano”.⁸ O que acontece pede uma explicação exaustiva, mas preferimos parar na reação sentimental, dizendo: “É bonita, feia, agradável, desagradável”, em vez de aceitar a provocação da realidade. E, assim, vemos cada vez mais o niilismo vencendo, o que nos faz considerar a realidade como nada. Sem aceitar a provocação da realidade, nos tornamos cada vez mais frágeis, cada vez mais fracos, cada vez menos conscientes de todos os fatores que nos constituem. É como se tudo contribuísse para nos achatar, em vez de nos exaltar.

Uma pessoa me contou que disse a um doente a frase que citamos: “Parar e refletir”. E, da cama, ele corrigiu a frase, completando-a: “Parar, refletir e olhar!”. E acrescentou: “Quanto mais eu paro para pensar, quanto mais esse dinamismo acontece, mais eu olho para tudo de um modo diferente, percebo até a mim mesmo, minha esposa, a realidade, meus netos, meus filhos”. Que

⁷ G. Leopardi, “Sobre o retrato de uma bela mulher esculpida em seu jazigo”, XXXI, vv. 22-23, 49-51 em Id., *Cara beltà....* Milão: BUR, 2010, pp. 96-97.

⁸ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 176.

impressionante quando vamos atrás da modalidade com que o Mistério que fez tudo, e continua fazendo, nos chama!

Às vezes, acontece o que Chesterton diz: “Só quando você naufragou de verdade é que encontra realmente o que precisa”.⁹ Porque estamos tão dentro da bolha que não percebemos as coisas.

Quanto mais emerge a sede de significado, a urgência de uma resposta, mais podemos realmente entender o que lemos na liturgia. Nesse sentido, fui impactado recentemente por um texto do profeta Isaías: “Ah! Todos os que estais com sede, vinde às águas! Vós que não tendes dinheiro, apressai-vos [igualmente], comprai e comei, sem dinheiro, [...] vinho e leite”.¹⁰ Essa é a sede que nos constitui. Na vida, o impacto com a realidade nos leva, com todo o seu poder, a buscarmos uma resposta que possa realmente nos saciar. Não é uma questão de dinheiro, é simplesmente uma questão de seguir a sede que carregamos, porque essa sede – a Escritura nos diz de formas muito diferentes, mas sempre com uma insistência existencial muito poderosa – é o critério de juízo para reconhecer o que realmente sacia. Então, o profeta nos desafia: vocês, que têm essa sede, por que gastam dinheiro com o que não é pão, o que ganham com o que não sacia? Que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida? Por que gastamos dinheiro, a vida, o que ganhamos, com o que não nos sacia? O que o profeta Isaías quer dizer é isto: temos dentro de nós o critério de juízo para reconhecer o que sacia a fome e a sede constitutivas do nosso eu. Nunca estamos desprovidos dessa habilidade. Gostando ou não, somos sempre levados a reconhecer o que nos sacia. Como disse Lewis: “O que me agrada na experiência é a sinceridade que nela percebo”. Não podemos trapacear: “Você pode tomar quantos desvios quiser; mas basta manter os olhos bem abertos, que logo verá a placa de alerta”. Vocês podem verificar por si mesmos se estão indo na direção certa ou se erraram o caminho: “Talvez você se tenha enganado, mas a experiência não tenta enganar ninguém”. E termina com esta frase belíssima, que encoraja à busca: “O universo se mostra fiel sempre que você o testa com justiça”.¹¹

Qual é o critério? A nossa humanidade – como dissemos no Retiro de Advento –. Não é simplesmente algo que nos faz sofrer, um fardo que devemos carregar apesar de tudo, um abismo que não pode ser preenchido e que dificulta nossa relação com a realidade. Pelo contrário, nossa humanidade é o critério que nos permite estar interessados em todos, ver tudo vibrar, como aconteceu com aquele doente, que pôde perceber ainda mais o que sua esposa ou seus filhos significavam.

Sempre me enalteceu perceber que há em mim essa capacidade de vibrar, de julgar. Repito muitas vezes que o que salvou minha vida foi uma lealdade para com minha humanidade que vibrava, com a qual eu não quis fazer nenhum acordo, mas quis ir atrás dela, reconhecendo-a não importa a situação em que me encontrasse. E então descobri que o conjunto de exigências e evidências que eu tinha em mim eram o critério para julgar tudo o que acontecia. É muito exaltante, como disse Dostoiévski: “Podemos errar nas ideias, mas não é possível errar com o coração ou perder a consciência por engano”.¹²

Por que isso é tão decisivo? Por que a circunstância que atravessamos foi tão decisiva? Porque despertou todo o nosso eu. E porque só se o nosso eu for despertado, tirado da confusão em que tantas vezes vivemos, do niilismo que nos penetra, podemos identificar a verdade. Nossa perplexidade, muitas vezes, não é porque a verdade não está diante de nós; o motivo é que não temos a capacidade de identificá-la e reconhecê-la, e estamos tão entorpecidos que é como se a verdade não nos dissesse nada. Por outro lado, quando alguém tem a humanidade desperta, deteriorada o quanto for, mas completamente desperta, pode realmente identificar o Senhor que está na realidade e responde: “Ouvi-me”, continua o profeta Isaías, “vós que me ouvis, comei o que é

⁹ G.K. Chesterton. *Le avventure di un uomo vivo*. Milão: Mondadori, 1981, p. 62.

¹⁰ Is 55,1.

¹¹ C.S. Lewis, *Surpreendido pela alegria*. São Paulo: Ed Mundo Cristão 1998, p. 182.

¹² F. Dostoiévski, *Lettere sulla creatività*. Milão: Feltrinelli 1991, p. 55.

bom, e vossa alma se deliciará com o que é substancioso. Inclinaí os ouvidos e vinde a mim. Ouvi-me e vossa alma viverá”.¹³

Deus está na história como uma Presença que tem como sua única tarefa responder à sede, à urgência que a realidade constantemente desperta em nós.

Mas onde está Deus? Onde podemos identificá-Lo?

Podemos identificá-Lo em um testemunho, em alguém em quem O vemos acontecer.

O profeta Isaías continua: “Farei convosco uma aliança eterna [mas onde? Como podemos reconhecê-la? Através do quê?], concedendo-vos as graças prometidas a Davi. Fiz dele uma testemunha para os povos, um guia e mestre para as nações”.

Podemos ver isso pertencendo a um povo onde há testemunhas como Davi. Podemos reconhecer que o Senhor estabeleceu uma aliança não porque Ele faz um discurso, mas porque eu O vejo acontecer em alguém que me atrai e desperta em mim o desejo de segui-lo. É tão evidente, que pessoas que você não conhecia vão reconhecê-lo. Com a sua presença atrairá pessoas que você não conhecia, mas que perceberão o que você carrega. O profeta Isaías continua: “Agora vais convocar uma nação que não conhecias”. Vai convocá-la com a sua vida, com a sua presença, com o seu modo de pertencer. Você vai convocar pessoas que não conhecia, pessoas atentas a ver presenças nas quais podem perceber uma esperança para a vida. “Vais convocar uma nação que não conhecias; e nações que nunca te conheceram acorrerão a ti, por causa do Senhor, teu Deus, do Santo de Israel que te glorificou”.

Quanto mais alguém vê diante dos olhos o Senhor, tão desejoso de responder à sede que tem no coração, mais isso o encoraja a buscá-Lo. “Buscai o Senhor”, diz o profeta, “enquanto se pode encontrá-lo, invocai-o, enquanto está perto.”

Mas, para buscá-Lo, é necessário ir atrás dessa exigência que, muitas vezes, vai contra a mentalidade comum. Muitos, na verdade, preferem permanecer achatados, porque parece irreal que haja alguém que se importe conosco, alguém que possa responder à nossa sede. Portanto, precisamos mudar a maneira de pensar: “Cada um se volte para o Senhor, que vai ter compaixão, retorne para o nosso Deus, imenso no perdoar. Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e vossos caminhos não são os meus caminhos, diz o Senhor”.

O Mistério nos desafia de uma forma que nos desconcerta. E Seu desígnio nos parece tão distante, tão longe do nosso modo de pensar que não podemos acreditar nos Seus apelos, porque achamos que somos mais realistas que Deus. Dizemos: “Não somos ingênuos a ponto de acreditar em uma promessa exorbitante!”. Preferimos seguir nossos próprios caminhos, porque sentimos os caminhos d’Ele muito longe dos nossos, porque é justamente assim: “Quanto os céus estão acima da terra, assim estão os meus caminhos acima dos vossos caminhos e meus pensamentos acima dos vossos pensamentos”.

Que lealdade é preciso para confiar na promessa! Somente aqueles que tiverem audácia poderão ver a promessa cumprida, poderão ver a promessa se tornar realidade. “Então, saireis com alegria e sereis reconduzidos em paz. Montanhas e colinas cantarão diante de vós hinos de louvor, e todas as árvores da região baterão palmas. Em lugar de espinheiros crescerão ciprestes, em vez de urtiga crescerá o mirto”. Nessa mudança, no florescimento da vida, a verdade de Deus se manifestará. “Isso redundará em glória para o Senhor, como um sinal eterno que nunca será tirado”.¹⁴

O Senhor nos convida a não sermos ingênuos e irracionais ao segui-Lo. Quem aceita segui-Lo poderá verificar o cumprimento da promessa: em vez de espinhos crescerão ciprestes, em vez de urtigas crescerá o mirto. A vida florescerá. Quem O segue, quem vai atrás d’Ele é surpreendido com seu próprio florescimento e, assim, o Senhor revela a Sua verdade. Sua glória é o resplendor da Sua verdade e é o sinal da Sua vitória. A glória do Senhor é um sinal eterno que não será destruído. Por essa razão, quem O encontrou não pode – como diz o Salmo – não ter os olhos abertos, cheios de espera, tanto que cedo ou tarde responderá: “Os olhos de todos esperam em ti, e tu lhes dá alimento

¹³ Is 55,2-3.

¹⁴ Is 55,3-13.

no tempo oportuno”, segundo um desígnio que não é o nosso: “Abres tua mão e sacias com benevolência todo ser vivo [...] [porque] o Senhor está perto de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade”.¹⁵

Por que o encontro com uma realidade que nos desperta em toda a nossa exigência é tão decisivo para reconhecer e identificar o Senhor e a Sua promessa? Porque – como disse Dom Giussani – “nós cristãos, no clima moderno, fomos separados não diretamente das fórmulas cristãs, não diretamente dos ritos cristãos, não diretamente das leis do decálogo cristão. Fomos separados do fundamento humano [...]. Temos uma fé que já não é religiosidade [...], [uma fé que não responde às urgências da vida e, portanto, não é consciente], uma fé que já não é inteligente de si mesma”.¹⁶ Porque “nada é tão inacreditável quanto a resposta a uma pergunta que não é feita”.¹⁷ E isso tem uma consequência crucial para a fé, hoje. A razão pela qual as pessoas não acreditam mais, ou acreditam sem acreditar, como muitas vezes vemos, reduzindo a crença a uma participação formal, ritualística, a gestos, ou a um moralismo, é porque elas não vivem sua humanidade. Por isso, a provocação que experimentamos nestes meses de pandemia foi tão decisiva para nossa fé. Não é que o Mistério não possa usar tudo o que acontece para cumprir sua tarefa mais decisiva, que é nos fazer entender o que responde a todas as nossas exigências. A razão pela qual as pessoas não acreditam, ou acreditam sem acreditar, é porque não estão envolvidas com a própria humanidade, com a própria sensibilidade, com a própria consciência e, portanto, com a própria humanidade, como se o eletroencefalograma fosse plano, como se o eu estivesse no torpor mais absoluto. E a fé se torna algo que não incide na vida. Por isso, Dom Giussani nos convida, sempre nos convidou, a “vivemos sempre intensamente o real”¹⁸, indicando esta como a fórmula da verdadeira religiosidade. Viver intensamente o real significa deixar vibrar toda a potência da nossa humanidade, da nossa razão, a urgência de significado. Se não tivermos essa ternura para conosco, para com a nossa humanidade, se falta em nós o humano, acabaremos no niilismo. A falta do humano é o sinal mais evidente de quanto o nada prevalece em nós. Também podemos continuar realizando formalmente gestos religiosos, mas o nada prevalecerá.

O que nos salva?

A consciência da nossa humanidade nos faz reconhecer o que nos salva. Faz-nos perceber a extensão da fé, a conveniência humana da fé, a pertinência da fé, da proposta cristã, às exigências da vida; e, assim, nos impede de identificar o cristianismo com uma de suas conhecidas reduções: moralismo, discurso ou rito. Nenhuma redução é capaz de tomar o meu íntimo. E se não toma o nosso íntimo, permanecemos no nada, apesar de todas as nossas práticas formais e de todos os nossos ritos. O eu é tão irredutível que só quando percebe que vibra por uma correspondência com algo com que se depara, só então percebe que descobriu o que realmente é preciso para viver. E então entende que “não sou quando você não está”, como diz uma canção de Guccini, e se você não está, eu “fico sozinho com os meus pensamentos”.¹⁹

Mas a quem posso dizer: “Não sou quando você não está, eu deixo de existir quando você não está, permaneço vítima do meu torpor, dos meus pensamentos, de todo o vai e vem do mundo, quando você não está”?

Pensemos que experiência Jacopone da Todi deve ter feito para dizer: “Cristo atraindo-me todo a Si, tão belo é!”.²⁰ Porque sem nossa humanidade inteira, inevitavelmente reduzimos Cristo. Se falta o humano, nos contentamos com algo que dizemos, mesmo que usemos a palavra “Cristo”. Muitas pessoas falam de Cristo, mas quantas vocês conhecem que realmente precisam de Cristo para viver? Cristo pode se tornar uma palavra vazia e o cristianismo, reduzido desse modo, pode se tornar algo

¹⁵ Sal 145,15-16.18.

¹⁶ L. Giussani, *La coscienza religiosa nell'uomo moderno*. 21 de novembro de 1985, em *Cadernos do Centro Cultural “Jacques Maritain”*. Chieti, janeiro 1986, p. 15.

¹⁷ R. Niebuhr, *Il destino e la storia*, editado por E. Buzzi. Milão: Bur, 1999, p. 66.

¹⁸ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 167.

¹⁹ “Vorrei”, letra e música de F. Guccini.

²⁰ Jacopone da Todi, «Lauda XC», em *Le Laude*. Florença: Libreria Editrice Fiorentina, 1989, p. 313.

repugnante. Tudo o que nos aconteceu e nos acontece é para que possamos ver vibrar em nós toda a nossa humanidade, a única que pode realmente identificar Aquele que “atrai-me todo, tão belo é”. Estes dias são uma oportunidade pra nos deixarmos ser atraídos por Aquele que se coloca diante de nós para nos arrancar do nada e nos fazer experimentar a Sua verdade, a Sua glória, o esplendor da Verdade. Como? Fazendo emergir toda a nossa humanidade, despertando todo o nosso eu. Se não há esse contragolpe, se não há essa confirmação, significa que não é de Cristo que estamos falando, porque quando Cristo entrou na história, quem O encontrava não podia deixar de dizer: “Jamais vimos coisa igual!”²¹

Então, peçamos para estarmos disponíveis a nos deixar tocar por Sua presença. Peçamos isso no silêncio, que tentaremos respeitar, cada um onde está, apoiando-nos mutuamente no testemunho de pessoas que O buscam, como nos disse o profeta Isaías: “Buscai o Senhor enquanto se pode encontrá-lo; invocai-o enquanto está perto”.²²

²¹ Mc 2,12.

²² Is 55,6.

Notas da Assembleia com Julián Carrón
Exercícios Espirituais da Fraternidade São José por videoconferência
Sábado de manhã, 8 de agosto de 2020

Entrada: *Johannes Brahms, Sinfonia nº 4 em Mi Menor – CD Spirto Gentil 19**

- *Al mattino*
- *Barco negro*
- *Marta, Marta*

Michele Berchi. Tínhamos previsto que a Assembleia teria uma conexão direta com o mundo inteiro, exceto a América Latina, já que é noite lá; mas parece que a América Latina já está acordada, e por isso estamos todos conectados.

Olá, sou da Fraternidade São José há cerca de um ano. Durante uma conversa, o padre Michele me disse: “Circunstâncias, circunstâncias, circunstâncias”. Fui imediatamente colocado diante do fato de que minha relação com Cristo através da São José se joga nas circunstâncias. Ao mesmo tempo, fiquei impressionado por você ter dito que as circunstâncias são vocação e por sua insistência sobre viver intensamente o real. Atualmente minha circunstância principal é a depressão, de que sofro há anos. Quem sofre de depressão não é arrastado para o nada, está totalmente imerso nele. Percebo isso quando ouço meus colegas falando entusiasmados sobre o trabalho ou vejo o padre com quem moro organizar momentos para o Movimento e eu, com trinta anos de Movimento nas costas, me pergunto: “Vale a pena?”. Além disso, a depressão representa literalmente um impedimento. Às vezes eu não vou trabalhar ou não vou à missa porque estou muito mal, não faço silêncio porque estou muito mal. Agora que os médicos me disseram que eu não posso me curar, é na circunstância da depressão que minha felicidade se joga. Queria lhe perguntar como posso viver essa circunstância à altura do meu desejo. Obrigado.

Julián Carrón. Há alguma possibilidade, amigo, ou não há nada a fazer? Você não vai trabalhar, não vai à missa, não faz silêncio. Ponto. Acabou. O que devo lhe dizer?

Ou ofereço ou fico com raiva.

Carrón. A questão não é a sua oferta, mas se há alguma possibilidade, senão nem a oferta ajuda. E então? Se você vai até o fundo de tudo, mas de tudo mesmo, o que você vê? Não há nenhuma possibilidade? Está tudo acabado? Perguntar-se isso é viver intensamente o real, em vez de seguirmos nossas más disposições. Então, quando você chega no fundo, o que resta?

Resta a iniciativa d’Ele.

Carrón. E qual é primeira iniciativa d’Ele? Vamos fazer o trabalho juntos para nos darmos conta das coisas. Qual é primeira iniciativa d’Ele para com você?

Bem, a ternura de que você vem falando nos últimos tempos.

Carrón. E qual é primeira ternura d’Ele?

Ter-me feito entender que devo me cuidar, por exemplo.

Carrón. Há algo antes. Para fazer você desejar se cuidar, o que é preciso primeiro? Qual é a primeira ternura que o Mistério tem para com você que está imerso na depressão, não ao lado da sua depressão, mas enquanto você está imerso nela?

Faz-me sentir o grito dessa condição, mas, ao mesmo tempo, me faz aceitá-la como...

Carrón. Só isso?

Ele me faz aceitá-la como uma condição pela qual quer que eu passe.

* “Esse Algo fora de nós (que é a primeira evidência para os olhos da criança que se abrem e de seu coração que se escancara vivendo) tem uma característica fascinante, persuasiva, irresistível: algo fora de si correspondente ao próprio eu. [...] Esta Sinfonia é como o impulso da razão que se debruça sobre a realidade, que se abre admirada à totalidade do mundo na sua riqueza de detalhes orgânicos” (L. Giussani, “Un abbraccio cosmico”, em *Spirto gentil...*, op. cit., p. 265).

Carrón. Antes ainda, o que o Mistério está lhe dizendo antes de qualquer outra coisa?

Seguramente está me dizendo que quer ter uma relação pessoal comigo.

Carrón. E como diz isso? Como? Através de algo que você inventa?

Não, através das circunstâncias.

Carrón. E qual é a primeira circunstância?

A primeira circunstância é a minha pergunta.

Carrón. Ou seja? A primeira circunstância é a pergunta. Mas se você vai até o fundo, quem faz a pergunta?

Não fui eu quem a deu a mim. Concordo com todos os que disseram.

Carrón. É você que faz a pergunta, você! Então, você existe. E se você existe, qual é o primeiro gesto de ternura do Mistério em relação a você?

Uma companhia.

Carrón. Que companhia? Não repitam frases feitas, porque vocês não vão resolver a questão. Qual é a companhia?

Se eu não tivesse tido essa companhia na minha dor, não sei o que teria feito. Sinceramente, não sei mais o que dizer.

Carrón. Como você vê que essa companhia não está te enganando? Existem muitas formas de companhia que não servem para nada.

Essa companhia me faz entender que não sou definido pela minha condição.

Carrón. E como lhe diz isso? A única coisa que você me disse é que é definido pelo seu estado.

Quando eu trabalhava como lixeiro, por exemplo, levantava às quatro da manhã e, havia um dia durante a semana em que terminava o trabalho e me sentia mal; disse ao padre Michele que naquele dia não conseguiria ir à Missa, nem rezar as Horas.

Carrón. Quem lhe obriga a ir à Missa? Por que você precisa ir à Missa? Não podemos fazer gestos que não têm nada a ver com a depressão e com tudo o que acontece conosco. Eu disse isso ontem. Nós não fomos separados das fórmulas cristãs, dos ritos cristãos – nos dizia Giussani. Hoje estamos separados da nossa humanidade, por isso não sabemos para que serve o humano, para que serve a depressão, para que serve tudo o que fazemos e, no fim, ficamos à mercê do nada. Então, eu insisto: qual é o primeiro gesto de ternura do Mistério para com você? É uma consciência à qual a companhia deveria lhe introduzir se é uma companhia autêntica, senão, está zombado de você.

Faz-me estar diante desta circunstância com toda a estatura do meu desejo.

Carrón. Ou seja, faz você perceber que o primeiro gesto de ternura do Mistério para com você é que o faz. Faz você. “Eu te amei com um amor eterno, tive pena do teu nada”.²³ Quanto mais você está imerso na depressão, mais você é facilitado – paradoxalmente – a reconhecer que isso é muito mais do que o fato do médico ter-lhe dito que você não pode se curar. Não resolvemos a questão tentando consertar as coisas, porque elas não podem ser consertadas. É como se o Mistério tivesse colocado você na beira do abismo; e ali, à beira do abismo, o que você pode fazer? Se você usa isso para viver até o fundo, ou seja, para viver intensamente o real, para não permanecer no limiar, neste momento, o que se mostra mais real do que toda a realidade que você é e do que toda a sua depressão? Que há um Outro que faz você agora. E quando você chega aí – com depressão ou não, com as coisas no lugar ou não –, há um problema de liberdade: você se deixa abraçar por Aquele que está fazendo você agora, ou não? Você precisa sair da depressão para se deixar amar pelo Mistério? Você precisa consertar as coisas primeiro para se deixar ser invadido pela presença de Alguém que o ama com essa paixão por sua vida? Você precisa se curar primeiro ou isto é a origem, o início da cura? Você não é definido por isso, mas pelo amor louco que Alguém tem por você. E só então você começa a entender que, justamente por estar doente, precisa do silêncio. Estar muito doente não é mais um alibi para não fazer silêncio. Estando tão mal, como consegue viver sem fazer silêncio? Como pode amar a si mesmo? Como pode suportar a si mesmo? E então, quando chegamos no fundo do poço, quando nos reduzimos a comer com porcos, como o filho

²³ Cfr. Ger 31.3.

pródigo, não podemos, como ele, não sentir o arrepio de um desejo: na casa de meu pai se vivia muito bem! Esse juízo começa a nos fazer entrar na escuridão mais profunda de nós mesmos: há um Outro no fundo de mim. E aí começamos a ver a vitória de Cristo porque, se O deixamos entrar, Aquele que muda nossa relação com nós mesmos encontra espaço. Como dissemos na Escola de Comunidade: do evento que nos aconteceu nasce um tipo de conhecimento novo. E se o acontecimento que se deu conosco não nos faz usar a razão até o fundo, mas permanece algo extrínseco, decorativo, significa que a fé está em risco. Como disse Giussani, as pessoas acreditam sem acreditar, e é como se tudo o que nos dizemos não afetasse o que está nos acontecendo, a realidade. Em algum momento, diríamos: “Então, para que serve acreditar? Não será um autoconvencimento? Será que é imaginação nossa? Não será um desequilíbrio nosso?”. É por isso que todas as manhãs somos desafiados, você e eu, porque eu também, embora não esteja na sua situação, sou chamado a reconhecê-Lo – como estou convidando você a fazer – indo até o fundo de mim mesmo. Eu também, assim como você, quando O reconheço no fundo mais escuro, quando “eu percebo que Tu és, / como um eco [...] renasço”.²⁴ O renascimento está ali, no fundo da depressão. Mas isso não é mecânico e não acontece de modo definitivo, mas deve acontecer instante após instante, momento após momento, caso contrário você não se suportaria, eu não me suportaria. Obrigado. E bom trabalho.

Você escreveu: “A nossa humanidade [...] é precisamente o nosso critério de juízo”.²⁵ Minha pergunta parte do fato de que me tocou tanto o ponto sobre a ternura pela nossa humanidade que eu quero olhar para ela desse modo, em relação a tudo, mesmo o que me assusta. Na outra noite, quando li o capítulo do seu livro sobre a presença carnal, uma carne que traz consigo algo que responde a toda a nossa exigência de sentido e de afeição, comecei a chorar, sentindo um grande desejo disso e, ao mesmo tempo, uma grande falta. Não dormi muito naquela noite. Na manhã seguinte – era dia de Santa Madalena – o padre, na Missa, retomou esta passagem: “Em meu leito, durante a noite, procurei o amado de minha alma. Procurei-o e não o encontrei. Vou, pois levantar-me e percorrer a cidade [...] procurando o amado de minha alma”.²⁶ Fiquei comovida com o modo como me senti descrita. Veio à tona um grande desejo por esse amor e, junto, um certo medo de descobrir que normalmente não o encontro. Então digo a mim mesma – e imediatamente me comparo – que estou nesse caminho mesmo percebendo que apenas intuo remotamente o que é a virgindade e que deveria viver esse amor enquanto, muitas vezes, mais do que vivê-lo como uma presença carnal, eu o vivo como uma falta. Fico tocada e me comove o fato de ser tão carnal a ponto de eu sentir falta. Mas isso normalmente faz nascer muitas dúvidas sobre o meu caminho, sobre o que me corresponde. Então, começo a achar que é outra coisa que me falta: um homem, um lar, um trabalho diferente, menos complicado. Mil dúvidas me assaltam e lembro do que aconteceu nos últimos meses. Nos três meses em que fiquei sozinha em casa – fisicamente estava quase sempre sozinha –, em alguns momentos experimentei essa Presença até de modo físico, o que quase nunca tinha me acontecido. Talvez seja por isso que sinto mais falta dela agora. Como você vive essa carnalidade? Tenho medo de olhar isso que carrego, mas é muito importante, desejo muito encontrar, reencontrar esse amor.

Carrón. Então, vamos começar do fim: “Em alguns momentos, experimentei essa Presença até de modo físico”. O que você aprendeu nesses momentos?

Os últimos meses me tocaram muito porque estava com medo de ficar sozinha, então, no começo foi um pouco difícil e, acima de tudo...

Carrón. Mas enquanto você percebia isso, também tinha consciência de que não estava sozinha, estava plena daquela Presença, que era até física. Não retrocedamos! Repita o que disse, porque vocês não percebem as coisas incríveis que dizem.

²⁴ A. Mascagni, “O meu rosto”, em *Cantos*. São Paulo: 2015, p. 76.

²⁵ J. Carrón, *O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?*. Rio de Janeiro: Walprint, 2020, p. 39.

²⁶ Ct 3,1-2.

Quase nunca tinha acontecido comigo. Talvez seja por isso que agora sinto mais a sua falta.

Carrón. Antes você sentia falta porque não estava lá; agora você sente falta porque está presente, aliás, a falta é ainda mais forte justamente porque está presente. O que é que isso lhe diz?

Que a falta é mais forte porque eu experimentei a presença.

Carrón. Então, de onde vêm as dúvidas? Do fato de não reconhecer isso.

Tenho dificuldade de reconhecer sempre que essa falta é falta d'Ele. Dou um exemplo. Durante o lockdown quase sempre eu acordava pensando em uma pessoa por quem estava apaixonada, sentia falta de poder vê-lo e dizia a mim mesma que eu não deveria sentir falta dessa pessoa. O padre Michele me disse: "Mas você não pode pedir em outra circunstância, peça dentro do que está acontecendo com você". Então comecei a não negar que eu sentia falta daquela pessoa, e pedi a Ele para me fazer companhia nisso; e experimentei que Ele me fez companhia, porque eu não estava desesperada. Então, posso dizer que experimentei...

Carrón. Naquele momento, quando você percebeu a falta daquela pessoa, você tinha alguma dúvida de que ela existisse?

Não, não tinha dúvidas, mas...

Carrón. Perfeito. E qual era a documentação mais evidente de que você não tinha nenhuma dúvida sobre aquela presença? O que confirmava que aquela presença existia, que não era fruto de suas inquietações?

Que eu sentia falta dela.

Carrón. Você sentia falta. Então, o que você precisa aprender com isso? Você sentia falta de Cristo, mas depois que experimentou a presença física de Cristo pela primeira vez, você sentiu ainda mais falta d'Ele. Porque quanto mais uma pessoa que você encontra se revela tão relevante para sua vida, mais você sente saudade. Esse é o começo da virgindade. Se não olhamos para esse dado, então as dúvidas prevalecem, porque não entendemos que a forma com que Ele se torna presente desperta todo o nosso desejo d'Ele, toda a falta d'Ele, exatamente como quando nos apaixonamos por alguém. E a saudade não é indicação, sinal de que não existe. É o sinal mais evidente de que existe.

Mas o que acontece é que em noventa e nove por cento das vezes sentimos uma falta, e são tão poucos os momentos nos quais sentimos uma plenitude. Então, eu digo: ou, com o tempo, essa plenitude cresce... Mas, para mim, não é suficiente dizer que com o tempo essa plenitude crescerá.

Carrón. A questão é que você começa a fazer experiência disso.

Sentimos falta de uma pessoa, mas é mais bonito quando a vemos!

Carrón. Deve acontecer aquilo que me contou a irmã de um menino que disse à mãe: "Mãe, sinto sua falta quando você não está aqui". Mas, depois, acrescentou – um menino de oito anos! –: "O problema é que sinto sua falta, mesmo quando você está". Porque, se a presença não despertar mais em você o desejo dela, no fim, você pode ficar sem ela. Cristo responde à falta que sentimos e, ao mesmo tempo, desperta toda a nossa sede d'Ele. Se não entendermos isso, basicamente pensaremos que Cristo vem para satisfazer a nossa sede, o que, para nós, significa eliminar a sede, nos tornarmos como pedras, assim, não sentiremos mais a falta e não desejaremos mais. Mas se você estivesse apaixonada por alguém agora, gostaria de não sentir saudade da pessoa? É isso que você gostaria? Perguntem-se! Como vocês não entendem isso, acabam imaginando que o ideal é não sentir saudade d'Ele, pensando que se vocês sentem saudade significa que não existe, que não há resposta. Como resultado, preenchemos a falta com outras imagens, uma após a outra, excluindo-as uma após a outra porque nenhuma responde. Se Cristo fosse algo que nós construíssemos, seria um entre os outros no panteão de nossa imaginação.

Então, o ponto é que a falta é carnal.

Carrón. A falta é carnal, como você disse. Mas se você não valoriza o que você começa a experimentar, você não pode dar-se conta disso. A falta é carnal. Assim como o seu eu é necessitado, a sua humanidade é necessitada, do mesmo modo, você sente falta. Mas, ao mesmo tempo, quanto mais Cristo se torna presente, como aconteceu a Maria Madalena, mais você não consegue dormir à noite porque sente sua falta; não consegue ficar na cama no dia da Ressurreição,

precisa ir procurá-Lo. E se quando você acorda de manhã não tem o desejo de ir procurá-Lo, de fazer silêncio para ficar com Ele, que valor teria se levantar de manhã? Seria sair em busca de migalhas que deixariam você ainda mais vazia. Você só poderá se levantar de modo diferente pela manhã, se perceber que Cristo desperta o seu desejo como nenhum outro. Mas por que o desperta de modo tão forte? Porque é o único que responde. É o único capaz de responder a todo o seu desejo e, portanto, é o único que desperta o seu desejo sempre mais. E não para apagá-lo, mas para satisfazê-lo sempre mais. Num dia em que você não sentisse saudades d'Ele, você não se importaria com mais nada de Cristo, não se importaria com mais nada de ninguém, se não sentisse saudade. Portanto, o fato de você sentir a urgência dessa saudade é o sinal mais evidente, como você disse antes, da presença d'Ele. Decida se isso responde a todo o seu desejo, caso contrário procure outro. Experimente! É você quem decide.

Recentemente tive a oportunidade de passar alguns dias numa comunidade que abriga e acompanha no processo de recuperação dependentes de vários tipos. Foi um convite do amigo que fundou a comunidade, por causa do caminho de verificação que estou fazendo. Foram três dias muito intensos, que me deram oportunidade de ter encontros e diálogos que me causaram uma grande dor pelo sofrimento, pelas histórias dramáticas, de abandono, de longas detenções – para alguns, por metade da vida – e famílias desestruturadas. Na maioria das vezes, vi pessoas, inclusive jovens, que deixam a vida passar preenchendo o tempo livre com tabaco, cartas e torneios de pebolim. A melhor coisa que levei para casa foram os diálogos pessoais que tive. Em alguns deles pude ver que nem tudo é um deixar a vida passar. Por exemplo, me lembro de um rapaz que ficou entusiasmado quando descobriu que eu tocava violão e me disse que gostaria de aprender a tocar bateria e também fazer um curso para se tornar mecânico. Outro é um ótimo decorador e me ensinou a fazer um prato de cerâmica. Vi os olhos de um garoto de vinte e poucos anos se iluminarem quando eu disse que poderia procurar saber sobre seu irmão, que é seu maior afeto, e está na prisão. O que me partia ainda mais o coração era a conclusão dos diálogos, porque sentia o sabor amargo do “mas”. “Claro que tenho um desejo no coração, mas...”. “Eu poderia dizer o que quero fazer quando sair daqui, mas...”. Tudo terminava com um “mas”. Era como se não valesse a pena ter aquele desejo, porque a realidade, para eles, é um grande “mas”, e não uma aliada, então precisam se contentar com o que têm. Estou contando essas coisas porque fiquei muito impressionado ao ver que o motor está lá, mas depois ele afoga. Acontece comigo também, e é por isso que eu entendo muito bem. Mesmo quando surge alguma vivacidade, é melhor reprimi-la, como aconteceu quando propus um filme na noite de cinema e um rapaz, depois, veio me dizer que tinha gostado muito e que valeria a pena revê-lo, mas não quis dizer isso na frente dos outros para não se mostrar muito entusiasmado. Parece-me que esse tempo de nada e de tédio que vi é como uma corrida de obstáculos. Surgiram algumas perguntas: Por que o motor da nossa humanidade funciona, mas está tão afogado? E por que o desejo perdeu sua dignidade? E ainda: quem sou eu diante de tudo isso? Porque diante deles eu sinto um anseio e não quero perder as pessoas que estou encontrando.

Carrón. O que tudo isso lhe diz? Primeiro, que o motor existe e, portanto, há também o desejo, a saudade, nosso desejo de viver melhor mesmo na depressão. Não há nada que possa eliminá-lo. Podemos estar na melhor ou na pior situação, e o motor permanecer intacto. O “mas” – que paralisa o motor – é uma decisão da liberdade, e é aí que tudo se joga. Se diante do desejo de plenitude não vou atrás até o fundo porque não sei como poderá ser realizado, se o bloqueio com um “mas”, a aventura acabou.

O que deve acontecer para que o “mas” não prevaleça? Essa é a pergunta que devemos nos fazer. Se não fazemos um caminho para adquirir pouco a pouco, no tempo, a confiança n'Aquele que desperta nosso desejo, é inevitável que no final prevaleça o nosso “mas”. E o que o Mistério faz? Desafia todos os nossos “mas”, reabrindo constantemente uma possibilidade, para que possamos entender, como dissemos ontem, que há mais coisas no céu e na terra do que na nossa filosofia. Há mais possibilidades do que as que conseguimos imaginar. Desafiando-nos constantemente, o

Mistério nos torna razoáveis, verdadeiramente abertos à totalidade. Como eu disse numa Escola de Comunidade, nos torna reais.

É nesse nível que se coloca a luta contra o niilismo: tudo depende do fato daqueles jovens estarem diante de pessoas em quem o niilismo é vencido. Assim como todos que viam Jesus, viam Alguém que eliminava os seus “mas” por causa de uma maneira única de estar diante deles, e não porque sempre respondia automaticamente a todas as necessidades: às vezes respondia, às vezes não; de fato não curou todos os doentes que encontrou. E se aqueles que foram curados não cresciam na confiança de que não estavam sozinhos como cães e que havia outra possibilidade que constantemente quebrava a medida deles, no final seus “mas” prevaleciam.

Somos chamados, fomos chamados, escolhidos, como vocação, precisamente para ver Cristo vencer diante de todo “mas”. Por isso, Ele não nos poupa nada: nem a depressão, nem a doença, nem a saudade; não nos poupa nada porque a relação com Ele deve ser tão humana que possamos testemunhar diante de toda a humanidade um modo de estar na realidade que desafia, com seu próprio estar, todo “mas”. O cristianismo pode interessar as pessoas hoje, não porque fala da doutrina cristã – que todos acham que já sabem e que não interessa mais – ou porque faz o jogo das interpretações, mas porque coloca diante de todos uma presença real, carnal, que desafia todo “mas”, que desafia qualquer depressão, que desafia todas as circunstâncias. Então, podemos realmente ser companheiros de caminho para qualquer homem: é a maior urgência que existe hoje. Pessoas que fazem teorias, há aos montes, a Internet está cheia delas, mas se não há alguém que desafie o “mas” vivendo, no final o “mas” prevalece, em nós e nos outros. É essa a vocação à qual fomos chamados, Cristo a dá a nós, para todos. Para que possamos testemunhar a todos a Sua vitória sobre o nada.

Berchi. Retomando o que você disse ontem à noite sobre a humanidade, há uma pergunta interessante sobre a reação da própria humanidade, sobre como ela não é um obstáculo e, portanto, não é um grande “mas”.

O que é essa humanidade a que devemos aspirar? Eu sempre disse: “Essa é a minha humanidade”, e costumo dizer: “Eu sou assim”, dependendo das circunstâncias boas ou ruins, pensando que a palavra “humanidade” fosse um termo para descrever o meu caráter e o meu temperamento. Quando acontece uma circunstância boa, revela-se em mim uma humanidade disponível e acolhedora; se acontece algo dramático e minha humanidade me esmaga, sinto-me esmagada. Estou me referindo a uma circunstância que aconteceu neste período. No ano passado sofri um grave acidente de carro, sem envolver outros veículos, apenas minha mãe, que estava comigo. Os tempos de recuperação foram diferentes: para mim vinte dias, para minha mãe, cento e vinte e um. Após um ano, recebi uma notificação de um processo criminal por causar danos a minha mãe, mesmo não tendo havido queixas ou denúncias. É o que prevê a nova Lei que trata de lesões em acidentes rodoviários. Isso nos transtornou mais do que o acidente. Mamãe mora comigo e tem 90 anos; eu sempre cuidei dela e, naquele dia, eu estava respondendo a uma de suas necessidades. O Senhor quis que ainda ficássemos aqui na terra, mas a lei escrita pelos homens, que segue seu curso, me causa sofrimento, porque acho que é uma injustiça, me sinto oprimida. Minha humanidade também é essa reação?

Carrón. O que você acha?

Eu acho que sim.

Carrón. Essa é a sua humanidade?

Eu sempre digo: “Eu sou assim. Essa é a minha humanidade!”. Mas percebo que...

Carrón. Mas você é só isso? Você é só essa reação?

Não, não sou só essa reação.

Carrón. Perfeito. Essa reação faz parte da sua humanidade, mas não representa a totalidade da sua humanidade. Infelizmente, reduzimos nossa humanidade ao que você disse: se a circunstância é

boa, você está disponível, mas se for ruim, você se deixa esmagar. A questão é se – em face do código penal – aconteceu algo no seu relacionamento com sua mãe.

Vivemos uma relação belíssima, como sempre foi.

Carrón. Está vendo? Nem mesmo a lei que trata de acidentes rodoviários – uma circunstância que, em outras ocasiões, a teria esmagado – pôde destruir o relacionamento de vocês. Esse é o ponto. E é belíssimo que você tenha dado o exemplo de um relacionamento que, nem mesmo quando é tão ferido, tão esmagado, pode se quebrar. Esse é o dom de uma relação à prova de qualquer imprevisto, uma relação tão forte, intensa, consistente, que nem mesmo a bomba-relógio de uma denúncia pode destruir. “Além do dano, o insulto”, você poderia ter dito, “tive que cuidar de minha mãe e agora vem uma denúncia criminal!”. Ao contrário, a dúvida não arranhou o relacionamento de vocês. Você gostaria que pudesse ser assim em qualquer circunstância? Mesmo que o fato tenha transtornado vocês duas, a reação do seu caráter não afetou nem um pouco o vínculo entre vocês. Imagine agora se tivéssemos uma relação com Cristo de uma intensidade tal, de uma consistência tal que nenhuma circunstância, nem mesmo a pior delas, poderia feri-la, interrompê-la. É uma relação de confiança que é criada no tempo, através de uma certeza que cresce com o tempo, como cresceu o relacionamento com sua mãe. É idêntico. É um caminho que, com o passar do tempo, faz crescer uma certeza à prova de qualquer imprevisto. Como aconteceu com Jesus: nem mesmo o sofrimento ou a cruz o afastaram da relação constitutiva com o Pai.

Berchi. Há uma pessoa do Brasil que quer intervir, mas para ser mais breve, vou ler a tradução da sua contribuição. Então, se quiser conversar, nossa amiga está conectada.

“Eu dei muitas voltas para não retomar a Introdução dos Exercícios. Preferi reler o que você escreveu para a Peregrinação e que me ajudou muito. Me apeguei ao trecho: ‘É um sacrifício que o Mistério permitiu, como passo de um caminho para o nosso destino, passo da peregrinação que é a vida do homem’. Com este trecho queria fechar olhos e dizer: ‘Está tudo bem, e quando abrir os olhos novamente estará tudo no seu devido lugar, poderei encontrar meus pais que não vejo há quase um ano, no trabalho a carga estará menor e não terei mais as constantes notícias de pais de amigos morrendo por causa desse vírus’. Só que hoje, após falar para um amigo da São José que está com Covid e que ontem perdeu o pai, sem poder ir ao sepultamento nem fazer companhia para a mãe, eu disse que ele deveria dar um testemunho. Porque ele, que perdeu o pai e tinha todos os motivos para desabar, ontem quase me consolava dizendo que vivia isso com a certeza de que Cristo não os abandona e é o sustento deles. Eu lhe disse que só pode ser uma graça viver assim, porque eu, só de imaginar perder meus pais, desmorono, assim como desmorono a cada notícia como esta referente a outras pessoas. Meus pais vivem a 3.000 km e, por conta da pandemia, não puderam vir em abril, como planejado, e nem sei quando poderei vê-los. O que esse amigo que perdeu o pai me disse e meu impulso de dizer para ele contar na Assembleia da São José me ‘obrigou’ a apostar nessa proposta que eu fazia a ele. Retomei então o texto, que havia lido em partes, como trabalho de Escola de Comunidade. Com sinceridade, Carrón, a Introdução me deixou muito incomodada. Tinha vontade de te mandar ‘pastar’, como se diz, porque parecia injusto que em vez de nos ‘acalmar’, você desse mais e mais exemplos de amigos relatando a experiência do ‘nada’. Fiquei pensando em perguntar: ‘Você quer que a gente afunde mesmo, é isso? Não basta que estejamos vivendo assim e você ainda fala de outros (e ainda de CL!) que vivem um incômodo?!’. Chega a dar raiva, até... Por que não diz simplesmente: ‘É um tempo que o Senhor dá como parte do nosso caminho’, e pronto! Eu sossearia o coração e ficaria bem, quieta, esperando que chegue o fim deste caminho... Pensei: ‘Parece que quem nos guia está disposto a fazer uma bagunça na nossa vida’. Reler a Introdução toda de uma vez pareceu um golpe ainda maior. Por sorte, não abandonei a leitura e fui até o fim para ouvir o grito do cego Bartimeu. E entendi que gritar é a minha tarefa, agora. E também responder, para mim e para o Senhor, o que eu desejo... Gritar não tira o meu incômodo, mas entendo que diante desta realidade não há outra coisa a fazer”.

Carrón. No entanto, há outra coisa a fazer. Olhar para ele, para o seu incômodo. Muitas vezes nós tendemos a gritar porque não queremos olhar para ele. Buscamos uma justificativa fazendo um gesto devoto e piedoso e, assim, temos um alibi para não olhar. Mas eu não quero viver assim, sempre olhando para o outro lado, como se o que as pessoas vivem não existisse. Quero dizer a todos – olhando para aquilo que ninguém quer olhar – que é possível olhar, que em virtude do que nos aconteceu podemos olhar para tudo, tudo mesmo. Mas não percebemos isso: “O olhar que percebe o deserto não pertence ao deserto”.²⁷ Não há descrição do mundo antigo mais dramática e – nós diríamos – mais pessimista do que a que São Paulo faz na Carta aos Romanos, uma descrição que sempre me impressionou. Os estudiosos se perguntam: “Por que São Paulo, com todas as coisas bonitas que teria a dizer, perde tempo olhando para a situação?”. Porque São Paulo, que não é sociólogo, olha como Jesus olhava para as doenças, como Jesus olhava para todas as necessidades dos homens. Com Cristo nos olhos, São Paulo podia olhar para tudo, realmente tudo. E se nós também podemos olhar para tudo, significa que Cristo já venceu. É inútil vocês me falarem de Cristo, pensarem que defendem Cristo com palavras, se depois Cristo é apenas o rei do cemitério, onde nada acontece. Uma fé assim não me interessa de modo algum. Guardem-na para si mesmos, mesmo que depois a adornem com algumas orações devotas. A mim, interessa olhar para tudo. Esse é o grande desafio que Dom Giussani nos lançou: a religiosidade é “viver sempre intensamente o real”; não é fugir da realidade para se refugiar no mundo da piedade, mas ir até o fundo da realidade para ver como ali, nas profundezas da realidade, há uma Presença que é capaz de derrotar o nada, graças à qual o nada não vence em nós.

Se não percorremos esse caminho, nossa vocação será inútil para o mundo, um mundo em que todos tentam fugir do real. Alguns fogem com as viagens – como Gaber disse ontem – e outros enchem suas vidas com as próprias teorias; outros ainda se fecham em uma bolha, como contou uma amiga do Cazaquistão que foi visitar uma amiga que, por medo de ser infectada, havia se trancado em casa, tinha parado de trabalhar e tomava pílulas para dormir. Essa é a derrota do humano! Ao contrário, São Paulo pode olhar para tudo, até mesmo para a situação dramática de seu tempo, precisamente porque tinha Cristo nos olhos. Esse é o conhecimento novo – de que falamos na Escola de Comunidade –, que não nasce de uma análise, mas do acontecimento de Cristo, que nos permite olhar para tudo de uma maneira nova. Sempre dou o exemplo da criança que, na companhia da mãe, pode entrar em qualquer escuridão. Do mesmo modo, na companhia de Cristo, se para nós Cristo é uma companhia presente, podemos olhar para qualquer situação. E como sabemos se Cristo é uma companhia e não uma palavra vazia? Pela nossa capacidade de olhar para o real, se não fugimos do real. Decidam vocês o que fazer. Uma fé que não é percebida em toda sua conveniência humana, uma fé que não é reconhecida como pertinente às exigências da vida – como diz Giussani – não durará muito. É por isso que, hoje, não está tanto em jogo a impressão que temos das coisas, o que está em jogo é a fé em Jesus Cristo. “Quando o Filho do Homem voltar, ainda encontrará fé sobre a Terra?”²⁸

Você já explicou um pouco, mas eu queria que você fosse mais a fundo na questão da ternura, porque ontem você descreveu exatamente o que aconteceu comigo nos últimos meses, que é a transição do torpor do lockdown para algo que aconteceu na realidade e que me despertou. No trabalho, durante uma avaliação de desempenho na empresa, os dois rapazes que dependem de mim me disseram que eu não os tinha ajudado em alguns momentos e, portanto, também por minha causa não tinham alcançado a meta definida. Eles são jovens e por isso é bastante normal que nunca seja culpa deles, porém eu fiquei muito chateada, porque era óbvio que a relação de confiança que eu tinha tentado estabelecer com eles não tinha amadurecido e, depois, percebi que eles estavam certos sobre algumas coisas. O que aconteceu? Minha autoestima desapareceu instantaneamente e, com ela, tudo o que constrói minha vida, ou seja, a vocação, a preferência de

²⁷ L. Giussani, *Ciò che abbiamo di più caro (1988-1989)*. Milão: Bur, 2011, p. 432.

²⁸ Lc 18,8.

Cristo por mim, e os amigos, que não conseguiam fazer nada em relação ao meu “não tenho valor porque falhei”. Era assim que eu me definia naqueles dias: o meu valor coincidia com o que eu sabia ou não fazer. Nos dias que se seguiram, a única coisa que me levantou foi conversar com meu chefe, que renovou minha estima no trabalho e também me ajudou a olhar para os erros. Mas isso já não era suficiente para mim, porque a partir desse momento começou em mim um trabalho sobre a ternura de que você fala no segundo capítulo de O Brilho dos Olhos. Disse a mim mesma: “E se as coisas no trabalho continuarem não indo bem? Mudo de trabalho, posso aprender. É só esse o ponto, eu coincido com o que sei fazer? Não é possível. Tudo dentro de mim grita neste ponto”. Nesse capítulo você cita João Paulo II: “A ternura é a arte de ‘sentir’ o homem todo”.²⁹ Como se aprende isso? E, acima de tudo, como isso se torna certeza que resiste diante da decepção consigo mesmo? Obrigada.

Carrón. Torna-se certeza apenas fazendo o percurso que você descreveu. Quando você falhou em algo, você julgou a si mesma assim: “Não tenho valor porque falhei”, porque a definição de si está ligada só ao que você consegue fazer, ao seu êxito. Diante da circunstância, emerge à sua consciência o que você pensa de si mesma. Mas às vezes, como nesse caso, você tem a sorte de encontrar um chefe que percebe o incômodo e oferece um consolo. Mas o consolo fácil não é suficiente, nem mesmo o do chefe. Então, a que você chegou? A algo que não sei se e quanto você sabia antes: você não coincide com aquilo que faz. Entende? Agora você tem um olhar sobre si que antes você nem sonhava. E por que Cristo não a poupou de todo esse caminho? Porque quer libertá-la de uma vez por todas de se identificar com o seu êxito. Não é que na vida do Movimento você nunca tenha ouvido dizer que o valor do eu não coincide com o êxito, mas uma coisa é entender como uma doutrina abstrata e outra é fazer experiência disso, de modo que a definição entre nas suas vísceras, tornando-se autoconsciência. Portanto, diz Giussani –, se esse esforço nos é poupado, a ternura não entra na nossa autoconsciência, na vibração da nossa razão. Porém, quando essa ternura para com você se torna experiência, você não precisa mais censurar nada para seguir em frente, porque adquire a capacidade de olhar-se por inteiro, como diz João Paulo II. Essa certeza nasce aos poucos. E quem não percorre o caminho que você começou a desenvolver, pode se esquecer dessa certeza, porque ninguém pode poupá-la do caminho. Essa é a aventura da vida, o fascínio de viver, mesmo quando as coisas dão errado, quando falhamos. E se quando percebemos que não estamos à altura, recebemos o elogio do chefe, isso não basta, porque não é suficiente, é muito pequeno para a capacidade da alma, para toda a urgência de ternura que temos. É justamente por isso que sou entusiasta de Giussani, porque ele me introduziu a essa experiência de vida que você começa a intuir. Se você se interessar pela aventura, vai descobrir cada vez mais a realidade. Se, ao contrário, você tem um medo louco e foge para os abrigos de inverno, se refugia numa bolha para ficar confortável e não ser atropelada por nenhum desafio, precisa decidir se lhe interessa sufocar ou participar da aventura. Para mim não há comparação. Podemos perder a vida vivendo – como diz Eliot – ou podemos ganhá-la vivendo. Qual é a diferença? Não é que com você acontecem algumas coisas e com os outros, outras. A todos acontecem coisas como as que nos contamos, mas muitos, não tendo a liberdade, a coragem de enfrentá-las, se refugiam em algo imaginado por eles para esconder sua derrota, com razões que são como um epitáfio em seu túmulo, em vez de enfrentá-las com toda a audácia exigida. Cristo veio para introduzir, para gerar no mundo uma nova criatura, que não se detém diante dos desafios do humano. Mas só se você deixar Jesus entrar em suas entranhas pode obter a certeza de que precisa para viver. Agora, depois de ter lidado com essa situação, você tem um a mais de humanidade que não teria se tivesse sido poupada dela. Se eu não tivesse olhado para tantas coisas da minha vida, se eu tivesse sido poupado disso, daquilo e daquilo outro, não seria quem sou agora. Por essa razão sempre olhei com entusiasmo para aquilo de que o Mistério não me poupou. Não é que não tivesse mais nada para fazer, é que o Mistério tem uma paixão pelo meu e pelo seu destino, como uma mãe que quer que o filho cresça e por isso não o poupa de todas as dificuldades da vida, mas o acompanha para que ele possa viver as futuras

²⁹ K. Wojtyła, *Amor e Responsabilidade*. São Paulo: Loyola, 1982, p. 183.

situações, nas quais a priori a mãe não poderá decidir. Fazendo isso torna-o cada vez mais consistente para poder encarar os desafios. Há dois tipos de companhia: uma que quer poupar vocês do relacionamento com a realidade e outra que os acompanha à vitória. Decidam qual companhia querem. Sempre haverá alguém pronto para consolá-los, mas isso não serve para viver, e embora possa ser útil, não basta. A vida é decidida nessa escolha, nesse drama.

Berchi. Leio a última contribuição que chegou.

“Olá a todos. Há quase doze anos sofro de ELA, mas não estou triste com essa circunstância que Jesus escolheu para mim, porque foi uma oportunidade de descobrir minha fé. No entanto, estou inquieta. Tenho tantos pensamentos que, às vezes, digo a Jesus: “Tome alguns dos meus pensamentos”. Penso na minha casa, no que será dela depois da minha morte, penso nos meus queridos livros colecionados com cuidado ao longo de muitos anos, penso nos filhos e naqueles que estão desempregados, penso nos netos que não têm fé, e assim por diante. Por que estou tão inquieta? Por que não confio no Senhor? Obrigada por tudo”.

Carrón. Você está inquieta porque vive com a consciência de que tudo é uma oportunidade, tudo foi uma oportunidade, até mesmo a circunstância que o Mistério permitiu, ou seja, a ELA. A doença não foi algo contra você – como vemos quando vamos visitá-la –, mas algo para fazê-la crescer. O que isso lhe diz sobre a pergunta, sobre a inquietude que você tem em relação aos seus filhos e aos seus netos? O problema não é que você possa poupá-los da circunstância que o Mistério pensou para eles, assim como você não foi poupada, mas que você reconheça que na sua experiência já existem algumas razões para confiar, e que se eles confiam, como veem você fazer, esta é a sua contribuição como mãe e avó. O que você está testemunhando? O que você está oferecendo a eles? Que chave está oferecendo a todos há doze anos pela maneira como vive a doença? Esta: só se eles se confiarem Àquele a quem você se confia, qualquer que seja a circunstância, até a ELA pode se tornar um lugar de vida. Se você viu isso acontecer em você, por que se aflige pensando nos filhos e netos? Ele cuidará de mostrar como vai responder. Tudo o que temos que fazer é ser curiosos – “como Cristo vai lidar com eles? Como vai responder à sua preocupação com os mais queridos?” –, depois de ver como ele agiu em você.

Termino lendo um texto que me fez muita companhia neste período e que fala justamente disso, porque nem Cristo foi poupado da prova. É de um grande teólogo, von Balthasar. Cristo não foi poupado de nada, de fato, justamente no momento em que foi desafiado pelo sofrimento e pela morte, mesmo aquela circunstância foi a ocasião em que pôde mostrar diante de todos, como também vemos em você, a densidade de Sua relação com o Pai, que O levava a confiar-se além de qualquer medida.

Von Balthasar escreve: “Esta confiança originária no Pai [que Jesus tem], não perturbada por qualquer suspeita, funda-se na comunhão do Espírito Santo com o Pai e o Filho: no Filho, o Espírito mantém viva a confiança inabalável [no Pai] de que cada ordem do Pai – e ainda que fosse a transformação da separação em desamparo [como acontece no final] – será sempre um decreto de amor [do Pai] , a que agora, já que o Filho é homem, se há de responder com a obediência humana.”³⁰ Aqui está a raiz da vitória de Cristo sobre o nada. Seu modo de viver como Filho é justamente a vitória sobre o nada, que você está testemunhando para seus filhos, seus netos e todos nós. É por isso que fomos “chamados” neste momento dramático da história, mas voltaremos a isto hoje à tarde.

Obrigado.

³⁰ H.U. von Balthasar, *Se não vos tornardes como esta criança*. Lisboa: Paulus, 2014, p. 38.

Notas da Meditação de Julián Carrón
nos Exercícios Espirituais da Fraternidade São José por videoconferência
Sábado à tarde, 8 de agosto de 2020

Na entrada: *Ludwig van Beethoven, Sinfonia n.º 5 - CD Spirto Gentil 11**

- *La notte che ho visto le stelle*

Qual foi a última vez em que aconteceu alguma coisa conosco que nos fez perder o sono?

Porque é disso que se trata. De um evento que acontece, inesperado, e que toma todo o humano. Senão, somos campo minado, como todo mundo, incapazes de sair do nada. Esse é o desafio que enfrentamos. Não é uma questão, como disse a nossa amiga brasileira, de falar sobre o nada, mas de verificar quando fomos pegos de tal forma, quando nossa vida foi tão transformada, foi tão abundantemente preenchida que nos deixou sem palavras, que não conseguíamos dormir. Aqui estamos falando de uma experiência, de algo existencial, não de indagações abstratas ou discussões intermináveis, que escondem o fato de que não fomos tomados, que escondem nossa “regressão”, como diz Gaber.

Na meditação desta tarde tentarei traçar um percurso para responder à pergunta: o que nos arranca do nada? É um auxílio à leitura do texto completo de *O brilho dos olhos*³¹, que obviamente não conseguimos fazer esta tarde.

Tenhamos em mente o que dissemos ontem à noite, e que foi documentado na assembleia de hoje de manhã. Podemos pertencer à Fraternidade São José, podemos fazer parte da vida da Igreja, mas isso não nos impede de experimentar que tantas vezes nossa vida, como a de todos, está à mercê desse vórtice que, no fundo, nos impede de sermos nós mesmos.

A questão é aquela que Jesus pôs: Que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida?³²

Porque podemos ter de tudo, podemos alcançar nossos objetivos profissionais mais que os afetivos, realizar nossos projetos, mas é como se nada fosse capaz de nos magnetizar. É por isso que nossa humanidade, sobre a qual insisti tanto – vimos isso também esta manhã – é uma barreira crítica inevitável para reconhecer quando interceptamos a resposta que estávamos procurando. Muitas vezes sentimos a urgência da plenitude que o coração não pode deixar de desejar, mas nossas tentativas são insuficientes, tanto é verdade que não conseguem nos prender. Nós vemos isso muito bem. Palavras cristãs não bastam, ritos formais não são suficientes para nos prender, para nos magnetizar: esta não é a natureza do cristianismo. É por essa razão, para que pudéssemos ser magnetizados, que o Mistério – como diz Bento XVI – dá carne e sangue aos conceitos.³³

“*Caro cardo salutis*”.³⁴ Só algo carnal, histórico, pode nos prender suficientemente para evitar o triunfo do niilismo em nós, qualquer que seja a forma com que possamos descrevê-lo. Se você não gosta dessa palavra, procure outra, mas o problema é que podemos passar dias sendo jogados de um lado para o outro, sem que nada nos prenda. Então a vida se torna um tédio e fica cada vez mais insuportável. E quando a vida nos desafia com suas urgências, vemos o quanto tudo é incapaz de nos prender.

* “O começo é a irrupção de um acontecimento. Todo o drama da orquestra se desenvolve a partir da ocorrência das quatro notas iniciais que se repetem continuamente. Nelas se expressa o destino que atravessa, na vida, a percepção da perda, da derrota ou da tristeza e se mostra, às vezes, no seu aspecto mais severo de prova ou de tentação” (L. Giussani, “Come raggio di sole tra la nuvolaglia oscura” *Spirto Gentil*, op. cit., p. 105).

³¹ J. Carrón, *O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?*. Rio de Janeiro: Walprint, 2020.

³² Cfr. Mt 16,26.

³³ Cfr. Bento XVI, Carta encíclica *Deus caritas est*, 12.

³⁴ Tertuliano, *De carnis resurrectione*, 8,3; PL 2.806. Cfr. J. Carrón, *O brilho dos olhos*, op. cit., p. 47ss.

A questão é que somente partindo da experiência podemos identificar o que vence o nada. O ponto é surpreender algo que nos corresponda tanto que, como cantamos, não conseguimos mais dormir. Não podemos impedir que nossa vida seja investida por essa Presença que nos toma até as entranhas, suscitando todo o nosso desejo, justamente porque, no exato momento em que nos faz experimentar uma correspondência inimaginável, traz à tona toda a dimensão do nosso desejo. Só o deparar com uma presença excepcional pode preencher o que Milosz chama de “abismo da vida”.³⁵ Todos os dias nos deparamos com muitas presenças carnis, mas não é qualquer carne, não é qualquer presença carnal que traz consigo algo que corresponde a toda a nossa expectativa e, portanto, é capaz de magnetizar nosso ser.

Então, o que pode realmente vencer o niilismo? Somente a magnetização por uma presença, por uma carne que traz consigo algo que corresponde a toda a nossa espera, a todo o nosso desejo, a toda a nossa exigência de afeição e de ternura. Quando essa experiência não ocorre, nós não saímos do nosso nada; embora tenhamos sido formados culturalmente nos discursos religiosos e atuemos de todas as formas, acabamos falando de Cristo de maneira vazia. É a razão pela qual Bento XVI diz que só “na Encarnação [da Palavra] o Logos eterno ligou-Se a Si mesmo a Jesus de tal maneira que [...] [através da humanidade de Jesus], através do homem Jesus”, Deus nos toca.³⁶ Por esta razão a encarnação de Cristo, Deus feito homem, marca um divisor de águas na história do homem e ninguém mais poderá arrancá-lo dela. Essa é a grande contribuição que Dom Giussani nos deu: ele nos fez entender que um cristianismo reduzido a discurso ou a regras não interessa a ninguém. É em uma carne – diz Dom Giussani – que podemos reconhecer a presença do Verbo feito carne. Se o Verbo se fez carne, é numa carne que nós O encontramos. E quem O identifica percebe estar diante do evento mais decisivo de sua vida. Há um antes e um depois. Vemos isso claramente quando acontece. Como documenta uma passagem do Evangelho, que lemos recentemente: aquela mulher cheia de limites, que tinha buscado sua realização de tantas maneiras, transformada por uma ternura sem fim, por uma presença humana, Jesus, não pôde evitar ser toda arrastada para ele. Vamos ler esse trecho de novo:

“Um fariseu convidou Jesus para a refeição. Ele entrou na casa do fariseu e sentou-se à mesa. Havia na cidade uma mulher, que era pecadora. Quando soube que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, ela trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume. Postou-se atrás, aos pés de Jesus e, chorando, começou a lavá-los com suas lágrimas. Depois, enxugava-os com seus cabelos, beijava-os e os ungia com perfume. Ao ver isso, o fariseu que o tinha convidado falou consigo mesmo: ‘Se esse homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que o toca: é uma pecadora!’. Então Jesus lhe dirigiu a palavra: ‘Simão, tenho algo para te dizer’. Ele respondeu: ‘Fala, Mestre’. ‘Certo credor’, retomou Jesus, ‘tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentos denários e o outro, cinquenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual deles o amará mais?’. Simão respondeu: ‘Aquele ao qual perdoou mais’. Jesus lhe disse: ‘Julgaste corretamente’. Voltando-se para a mulher, disse a Simão: ‘Estás vendo esta mulher? Quando entrei na tua casa, não me ofereceste água para lavar os pés; ela, porém, lavou meus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Não me deste o beijo; ela, porém, desde que cheguei, não parou de beijar os meus pés. Não derramaste óleo na minha cabeça; ela, porém, ungiu os meus pés com perfume. Por isso te digo: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, pois ela mostrou muito amor. Aquele, porém, a quem pouco se perdoa, pouco ama’”.³⁷

Quem não gostaria de ser alcançado por um olhar cheio de ternura como aquela mulher, que foi investida pelo olhar de Jesus? Não importa o que tenha feito, não importa o modo como levou sua vida, isso não foi um obstáculo para ela. Por isso, nenhuma das circunstâncias que descrevemos esta manhã pode se tornar um obstáculo para nós depois de ler esse trecho do Evangelho.

De que é que precisou aquela mulher para ser “tomada” pelo olhar de Cristo?

³⁵ O.V. de Milosz, *Miguel Mañara. Mistério em seis quadros*. São Paulo: Gruber Editora, 2018, p. 29.

³⁶ J. Ratzinger, “Cristo, a fê e o desafio das culturas”, *Asia News*, n. 141/1994.

³⁷ Lc 7,36-47.

Somente de sua humanidade, mesmo ferida e grosseira como era – como no fundo é a de todos –. Quando encontrou aquele Homem, sua humanidade, mesmo com todos os erros cometidos, foi inteiramente magnetizada, a ponto de não ter havido meio de pará-la: a mulher atravessou a hostilidade e a desaprovação de todos os que estavam à mesa e foi lavar os pés de Jesus com suas lágrimas.

Estão vendo como o nada pode ser vencido? Jogada de um lado para o outro como todos, em certo momento um imprevisto, absolutamente esperado e ao mesmo tempo imprevisível, a investiu de tal forma que teve a audácia de ser ela mesma na frente de todos, mostrando o quanto estava tomada, a ponto de não se importar com o que os outros estavam pensando. E, assim, mostrou a todos o que pode vencer o nada, o que pode vencer uma vida jogada de cá para lá. A presença de Jesus exerceu uma tal atração em sua humanidade, ferida e cheia de limites, que nada podia mais impedi-la.

Desde que Jesus apareceu na história, aqueles que cruzam com Ele não podem não sentir desafiada sua disponibilidade de se deixar tocar e ser atraídos por Ele. Estávamos falando de limites. Aqui os limites não contam, as histórias passadas não contam, tudo que fizemos no passado não conta, tudo isso não conta, porque Cristo, agora, é capaz de nos tomar a todos assim como somos.

Por isso, é impressionante escutar Giussani quando afirma que nenhum ser humano jamais se sentiu tão radicalmente afirmado quanto pelo olhar introduzido na história por esse homem, Jesus de Nazaré, para além de qualquer êxito pensável bem como de qualquer fracasso.³⁸ Com Seu olhar vertiginosamente afirmativo do humano, Jesus diz à mulher que banhou seus pés com lágrimas: “Teus pecados estão perdoados”, não contam mais. É esse olhar que prevalece. Todos os males, todos os erros passaram para segundo plano. Ele é a presença dominante para aquela mulher. Foi tão avassalador que os comensais começaram a dizer: “Quem é esse que até perdoa pecados?”. Mas Ele diz à mulher – como se não se importasse nem um pouco com a descrença de todos os outros ao seu redor e, hoje, a rejeição de todos aqueles que não O reconhecem – e a quem se deixa arrastar, como ela: “Tua fé te salvou. Vai em paz!”.³⁹ Primeiro ela é toda tomada, salva de seu nada, do seu ser jogada de um lado para o outro, e depois vem a afirmação de Jesus, que descreve a experiência que ela já estava fazendo, já estava participando daquela salvação.

Aquilo que arrancou a pecadora do Evangelho do seu nada não foram os seus pensamentos, os seus propósitos, os seus esforços; foi uma Presença que tinha uma paixão tal, uma preferência tal pela sua pessoa, pelo seu eu, que ela foi conquistada por isso. Todo o curso da sua vida foi revirado, revolucionado por aquele encontro: já não lhe importavam os olhares dos outros, porque estava inteiramente definida por Jesus, pelo seu olhar, por aquela presença em carne e osso. Ninguém, na sua vida, a tinha alguma vez olhado como aquele homem. Caso contrário, não teria ousado entrar naquela casa com uma liberdade capaz de desafiar a todos. Ela não Lhe teria lavado os pés com as lágrimas, não os teria enxugado com os cabelos. É isso que documenta – não as palavras, não os discursos – que um eu foi arrancado do nada! É isso que fala, e sempre falará, a cada homem que está à mercê do nada, cuja única coisa que espera é ser libertado. E só pode ser libertado por Um, como aconteceu com aquela mulher.

Que certeza não terá tido essa mulher para desafiar daquele jeito os fariseus e toda a cidade! Sem tal certeza, fica-se à mercê dos comentários próprios e dos outros. No entanto, todos os comentários nossos e dos outros são nada diante “daquele” olhar. Não têm poder diante da “daquela” atração. Podem não ser eliminados, mas são inibidos em sua capacidade de paralisar-nos.

Com Von Balthasar, podemos dizer que se trata de “uma certeza que não se apoia na evidência própria da inteligência humana, mas na evidência manifesta da verdade divina: não no ter agarrado, mas no ter sido agarrado”.⁴⁰ Ela não agarrou aquele homem, mas foi totalmente agarrada por Ele.

³⁸ “Nenhum homem pode sentir-se afirmado com essa dignidade de valor absoluto, independentemente de qualquer sucesso seu. Ninguém no mundo jamais pôde falar assim!” (L. Giussani-S. Alberto-J. Prades *Deixar marcas na história do mundo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, p. 9).

³⁹ Lc 7,48-50.

⁴⁰ H.U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, vol. I. Milão: Jaca Book, 2005, p. 120.

Não me surpreende que Von Balthasar, esse grande teólogo, tenha dito há tantos anos que essa é a questão vital da cristandade atual. Se não for isso, se não for a experiência de ser compreendido como aquela mulher, o cristianismo não será interessante para ninguém. Antes de mais nada, para nós, imaginem para os outros! Podemos manter certos ritos, fazer alguns gestos “religiosos”, nos reunir para encher a vida de gestos como membros de um clube, mas tudo isso não será suficiente para nos agarrar. Por essa razão Von Balthasar diz que hoje a fé só pode ser crível para o mundo que nos circunda – e para nós – “se se entender a si mesma como crível, se a fé então não significar [...], como primeira e última coisa, o ‘dar por verdadeiras certas afirmações’ que, sendo incompreensíveis à razão humana, podem ser aceitas só na obediência à autoridade; a fé, com efeito, apesar de toda a transcendência da verdade divina, aliás, justamente mediante ela, conduz o homem à compreensão daquilo que Deus é em verdade, e nessa compreensão [...] também à compreensão de si mesmo”.⁴¹

Através da carne dessa Presença, a mulher do Evangelho fez experiência da verdade divina. A certeza e a fé daquela mulher apoiavam-se “na evidência manifesta da verdade divina”, naquela atração vencedora, no olhar sem comparações de Jesus, pelo qual se sentiu afirmada e conquistada, e na experiência de uma correspondência às suas exigências constitutivas jamais vivida. É tão poderosa essa evidência, é tão resplandecente “essa revelação da glória”, é tão poderoso o esplendor da verdade, “que não precisa de outra justificação fora de si mesma”.⁴²

A mesma consciência do quanto é decisiva essa evidência para a credibilidade da fé hoje caracterizou desde o início o compromisso educativo de Giussani: “Eu estava profundamente convencido de que uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta [pela experiência de uma correspondência], útil para responder às suas exigências, não seria uma fé capaz de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário”.⁴³ Fica claro porque Giussani, entusiasmado com a experiência que vivia, não pôde deixar de dizer na Praça de São Pedro, diante de toda a Igreja: “Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade. [...] ‘Quem poderá jamais falar do amor que é próprio de Cristo, transbordante de paz?’. Repito essas palavras a mim mesmo há mais de cinquenta anos”.⁴⁴ Que experiência ele deve ter vivido!

Só se nossa humanidade for conquistada e abraçada assim, poderemos nos tornar verdadeiramente nós mesmos. Portanto, não depende de um esforço nosso, mas simplesmente de nos deixarmos tomar totalmente. “Cristo atraí-me todo a Si, tão belo é”.⁴⁵

Mas como podemos fazer a experiência da mulher pecadora? Só se Ele, Cristo, permanecer contemporâneo. Só a contemporaneidade de Cristo pode nos arrancar do nada. Somente a Sua presença, aqui e agora, pode ser a resposta apropriada ao nihilismo, ao vazio de sentido, ao ser jogados de um lado para o outro. “Jesus Cristo”, diz ainda Giussani, “aquele homem de dois mil anos atrás, oculta-se, tornando-se presente sob a cobertura, sob o aspecto de uma humanidade diferente”.⁴⁶

Isso significa que Jesus se torna presente hoje, carnalmente presente, não nos nossos pensamentos, não na nossa imaginação, mas em homens em quem percebemos uma diversidade, um olhar, uma capacidade de estar no real, uma liberdade, uma audácia, um conhecimento que nos desconcerta. Isso é o que muitos nos testemunham, como vocês podem ler no livro. Leio apenas um testemunho, do qual nasceu o título do livro.

“Eu não achava que à beira dos cinquenta anos fosse possível renascer. Vivi quarenta e sete anos certo de que Jesus Cristo não fosse uma “coisa” indispensável para mim. Por todos estes anos

⁴¹ *Ibidem*, p. 125.

⁴² *Ibidem*, p. 126.

⁴³ L. Giussani, *Educar é um risco*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, pp. 16-17.

⁴⁴ L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, pp. cit., pp. 9-10.

⁴⁵ Jacopone da Todi, “Lauda XC”, em *Le Laude*, op. cit., p. 313.

⁴⁶ L. Giussani, “Qualcosa che viene prima”. Em: *Dalla fede il metodo*. Milão: Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 1994, p. 39.

persegui objetivos que não resistiam ao impacto do tempo: a universidade, minha profissão, a família. [Tudo pode ir bem, mas] Toda vez que alcançava o que havia prefixado não me sentia satisfeito e ia constantemente em busca de novos objetivos. Por mais que para a maioria das pessoas a minha vida parecesse boa, eu tinha a sensação de alimentar-me de algo que não me saciava. Tudo isso produziu em mim uma crise profunda. [Porque se tudo está bem e não basta, o que basta, então?] Sentia-me inútil, e até a relação com os amigos, os colegas e as pessoas queridas foi ficando difícil. Queria ficar sozinho. [Porém, acontece o imprevisto] Um dia, no ambiente da escola de meus filhos, conheci uma pessoa que tinha olhos brilhantes”. Foi o brilho dos olhos de alguém – não uma doutrina, não um esforço – no qual estava acontecendo a mesma experiência daquela mulher. “Nasceu uma forte amizade que me levou a desejar a companhia dele. Fomos passar férias juntos com nossas famílias e minha curiosidade em relação a ele só crescia. Comecei encontrar seus amigos, que depois viraram meus amigos. Comecei a participar dos gestos propostos pelo Movimento. Voltei a rezar, a ir à missa, a confessar-me. Às vezes eu me perguntava: ‘Por que faço isso?’, e me respondia: ‘Porque estou melhor’”.⁴⁷

Não há outra razão para olhar para mim de um modo diferente, para abraçar minha humanidade, para olhar com a ternura com a qual fui olhado. “Estou melhor!”. Então vivo dessa Presença; e a companhia de todos os amigos me lembra Cristo. É este o método mediante o qual a fé se comunicou e sempre poderá comunicar-se: um encontro imprevisível, que suscita o desejo e move a pessoa a verificar a promessa que ela carrega consigo quando participa da vida da comunidade cristã.

Para identificar o real basta, como neste caso, uma atenção sincera. Mas essa atenção é tudo menos óbvia. Simone Weil explica: “Há algo em nossa alma que sente repugnância à verdadeira atenção de maneira muito mais violenta do que a carne sente repugnância ao cansaço. [...] A atenção consiste em suspender o pensamento, em deixá-lo disponível, vazio e penetrável ao objeto”,⁴⁸ para que ele possa tomá-lo inteiro.

É indo atrás daquilo que a atenção identifica que gradualmente me torno cada vez mais certo, a ponto de confiar completamente. Por que Pedro pôde confiar em Jesus? Só porque a convivência com Ele o havia convencido de que se ele não pudesse confiar naquele homem que tornara possível aquela experiência de uma diversidade humana, em quem poderia confiar? A fé consiste precisamente neste reconhecimento: “Ter a sinceridade de reconhecer, a simplicidade de aceitar e a afeição para se apegar a uma Presença como essa, isso é a fé”.⁴⁹

Como disse Giussani na Praça de São Pedro, é fácil, está ao alcance de qualquer um, qualquer que seja a história, a vida: “Era uma simplicidade do coração que me fazia sentir e reconhecer Cristo como excepcional, daquela maneira imediata e cheia de certeza, como a que se dá diante da evidência incontestável e indestrutível de fatores e momentos da realidade, que, tendo entrado no horizonte de nossa pessoa, nos tocam até chegar ao coração”.⁵⁰ É isso que magnetiza a vida.

Mas como podemos ser introduzidos nessa maneira de estar no real?

Jesus viveu na terra como cada um de nós. Como verdadeiro homem, lidou com coisas específicas, finitas, fugazes, sofreu provações e sofrimentos, até a morte na cruz. O que lhe permitiu não sucumbir à parcialidade, não acabar no niilismo que faz com que tudo desapareça e nada nos agarre? Como é possível que Cristo, tendo vivido uma experiência humana como a nossa, não tenha sido atropelado pelo niilismo, mesmo tendo lidado com as mesmas coisas que nós?

Ele viveu a relação com todos os aspectos da realidade como um grande evento que o fez encarar tudo com intensidade, como um apaixonado. Na experiência de um grande amor tudo se torna acontecimento – Dom Giussani sempre nos disse, citando Guardini –, tudo adquire uma dimensão

⁴⁷ J. Carrón, *O brilho dos olhos*, op. cit., pp. 65-66.

⁴⁸ S. Weil, *Espera de Deus*: cartas escritas de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 77.

⁴⁹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 39.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 10.

que na normalidade da vida é quase nada, mas que na história de um grande amor se torna um acontecimento.

E o que faz com que tudo se torne acontecimento? No caso de uma pessoa apaixonada, é a relação com a pessoa amada. Que relação era tão constitutiva de Jesus que determinava sua relação com a realidade como um acontecimento permanente, em uma constante exaltação de todo o real? O que lhe permitia viver o real com essa intensidade? Sua relação com o Pai. Jesus não punha sua esperança numa afirmação de Si, num projeto Seu, numa tentativa Sua, mas viveu tudo como um grande evento em virtude de Sua relação com o Pai. Assim, Jesus introduziu na história uma maneira de viver o real que não acaba no niilismo.

Por essa razão, a grande pergunta é: como é que para cada um de nós, historicamente, pode tornar-se familiar esse olhar entusiasmado sobre o mundo, sobre nós mesmos e sobre a realidade de modo que não acabemos no tédio? Só se aprendermos e experimentarmos o mesmo olhar de Jesus para o real.

Giussani nos diz: “Se o homem não olha para o mundo como algo ‘dado’ [todos os aspectos do real, até o mais efêmero], como um acontecimento, ou seja, a partir do gesto contemporâneo de Deus que o dá a ele, o mundo perde toda a sua força de atração.”⁵¹

Agora entendemos porque, se não vivemos a realidade assim, ou seja, como o acontecimento de Alguém que a está dando a nós agora, como acontece na história de um grande amor, tudo se torna chato, perde sua força de atração.

O que tornava tudo diferente para Jesus? A Sua relação com o Pai. Pensar no Pai não era desvinculado do Seu modo de viver o relacionamento com as coisas concretas. Assim como pensar na pessoa amada não está desvinculado de viver a relação com ela. É a pessoa amada que torna interessante, fascinante, qualquer outra coisa. Giussani diz: “Pensar no Pai é um jeito verdadeiro de pensar nas coisas, é o jeito real de pensar nas coisas: é uma forma do olhar que você leva à sua mulher ou ao seu marido, aos seus filhos, ao seu trabalho, ao bem e ao mal que lhe acontece, a você mesmo”.⁵² Como disse aquele homem doente: parar, pensar e olhar de maneira diferente. Quando isso acontece, não podemos não olhar para tudo de maneira diferente. Andrea volta para casa depois do encontro com Jesus: sua mulher percebe o que aconteceu com ele pela maneira como ele a abraçou.

Isso é o que torna tudo fascinante, mas se com o tempo isso desaparece, tudo fica chato. Então a questão é como podemos aprender a ser filhos como Jesus.

Como podemos nos tornar filhos no Filho? Os discípulos foram introduzidos por Jesus à consciência de sua relação com o Pai. “A quantos, porém, a receberam”, diz São João, “deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus”.⁵³

E nós, hoje, somos apresentados a essa experiência por quem? É sempre Cristo que nos introduz na relação com o Pai. Mas como?

Cristo, como dissemos, entra na vida hoje, atraindo-nos para Si através de uma presença, de uma presença precisa, de um encontro persuasivo através do qual posso fazer a mesma experiência de relacionamento com Ele que fizeram os primeiros que O encontraram. Portanto, é no Filho, na relação com Cristo presente aqui e agora em uma humanidade diversa, que nos tornamos filhos, que aprendemos a dizer “Pai” e a nos relacionarmos com o real como Jesus, com sua Presença nos olhos.

O Filho nos faz conhecer o mistério do Pai por meio da Igreja e faz-se acontecimento para nós mediante a graça do encontro com um carisma, com um dom do Espírito. O Carisma é a maneira pela qual o Espírito de Cristo nos faz perceber Sua presença excepcional e nos dá o poder de aderir com simplicidade e amor.

Um detalhe nos habilita à realidade e, para nós, tem um nome e sobrenome: Luigi Giussani.

⁵¹ *Ibidem*, p. 27.

⁵² L. Giussani, *La convenienza umana della fede*. Milão: Bur, 2018, p. 132.

⁵³ Jo 1,12.

Através do dom que Deus nos deu fomos alcançados por um olhar, por uma paternidade que nos conquistou tanto que fizemos uma experiência única de fé na relação com a realidade.

Como lembramos este ano, é isto o que chamamos de “autoridade”: “A autoridade é uma pessoa que, ao ser vista, mostra que o que Cristo diz corresponde ao coração. O povo é guiado por isto.”⁵⁴

É tornando-nos filhos que podemos herdar, como qualquer filho, a estirpe do pai. E se formos atrás dele, também podemos nos maravilhar por viver a realidade com o mesmo entusiasmo com que o vimos viver, com uma liberdade única, com uma habilidade de conquistar nossa vida. A autoridade é uma paternidade presente. Ter um pai é uma posição permanente, mas a geração é algo presente. Por isso, se não reacontece agora, torna-se uma lembrança do passado, que não é capaz de nos conquistar, de nos agarrar para que façamos uma experiência nova da realidade.

Sem essa geração no presente, a relação com o Pai não pode se tornar uma consciência viva em nós, e nenhum esforço terá o poder de nos arrancar do nada. Por essa razão, a autoridade é um fator essencial na construção da vida.

A autoridade concebida mundanamente, ou seja, como poder, é um despotismo alienante, não constrói. A autoridade autêntica, por outro lado, é fator indispensável para o crescimento do eu, porque a autoridade, de certo modo, é o meu eu mais verdadeiro.

Mas hoje estamos num momento cultural em que a autoridade é percebida como um obstáculo ao crescimento do eu, não como um fator de seu aperfeiçoamento. É em virtude dessa estranheza, promovida e vivida, que – observa Giussani – “a cultura de hoje considera impossível conhecermos, mudarmo-nos a nós mesmos e à realidade ‘apenas’ seguindo uma pessoa. A pessoa, em nosso tempo, não é contemplada como instrumento de conhecimento e mudança. [...] Mas João e André, os dois primeiros que depararam com Jesus, foi seguindo essa pessoa excepcional que aprenderam a conhecer de forma diferente e a mudarem-se a si mesmos e à realidade. A partir do instante desse primeiro encontro, o método passou a desenvolver-se no tempo”.⁵⁵

A questão da vida é identificar no nosso caminho pessoas que nos fazem crescer desse modo, que são decisivas para nosso modo de estar no real. Porque só isso, como aconteceu na época, poderá nos arrancar do nada. A experiência de uma novidade presente hoje, de uma carnalidade em que se pode ver que o que Cristo diz é verdade, me arrasta inteiro, permitindo-me começar a viver o real sem sucumbir ao nada. É isso que pode convencer, nesta cultura niilista, o homem de hoje, a humanidade da qual fazemos parte: conhecer pessoas tão presentes que somos envolvidos por elas. Porque, como Von Balthasar diz, “aos olhos do mundo, só o amor é digno de fé”.⁵⁶

(© Fraternidade de Comunhão e Libertação 2020)

⁵⁴ De uma conversa de Luigi Giussani com um grupo de *Memores Domini* (Milão, 29 de setembro de 1991). Em: “Quem é este?”, *Passos-Litterae communionis*, n. 219, nov. 2019, p. 26.

⁵⁵ L. Giussani, “Dalla fede il metodo”. Em: *Dalla fede il metodo*, op. cit., p. 18.

⁵⁶ H.U. von Balthasar, “Só o amor é digno de fé”. Lisboa: Assírio e Alvim, 2008, p. 105.